

LAR, HORIZONTES DE ALCANCE E O SENTIDO DE LUGAR¹

Home, reach, and the sense of place

Anne Buttimer²

RESUMO

O lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem. Mas é impossível desconsiderar a ação de agentes externos, sobretudo no que concerne as ações de planejamento, frequentemente liderada por agente públicos que obedecem normas e critérios universais, ignorando o conhecimento e as especificidades que só as pessoas do lugar podem conhecer. Assim, a partir de sua experiência pessoal, Anne Buttimer traça um vibrante e intrincado relato que nos esclarece questões conceituais centrais sobre nossas relações com o lugar e com a comunidade. A autora explora um dos mais fortes paradoxos da relação homem-lugar, demonstrando o conforto e as limitações do lugar e, ao mesmo tempo, a busca pelo desafio e pelas potencialidades dos horizontes de alcance, que projetam nossos desejos e anseios ao nos lançarmos no mundo. Publicado originalmente em 1978 e reeditado em 1980, o texto emerge de uma das mais ricas décadas para a discussão do lugar enquanto essência fundamental para a geografia humanista e para a compreensão da geografia que produzimos enquanto experienciamos o mundo.

Palavras-Chave: “De dentro”. “De fora”. Comunidade. Centramento

ABSTRACT

Place is built, meant, rejoined and created by the people who live in it. But it is impossible to dismiss the action of external agents, especially regarding the planning actions, often led by public agents who often abide to universal rules and criteria, ignoring local knowledge and specifics that only the insiders know. Using her personal experience as background, Anne Buttimer paints a vibrant and intricate account that lights up the central conceptual issues about our relationship with the place and community. The author explores one of the strongest paradoxes of man-place relationship, showing the comfort and limits of place and, at the same time, the search for the challenge and the potential of horizons of reach, projecting our desires and hopes to launch us on the world. Originally published in 1978 and reissued in 1980, the text emerges from one of the richest decades to the discussion of the place as a fundamental essence for humanist geography and the understanding of the geography we produce as we experience the world.

Keywords: Insider. Outsider. Community. Centering

1 Tradução do texto “Home, Reach, and the Sense of Place”, publicado na coletânea **The Human Experience of Space and Place** (Nova York: St. Martin’s Press, 1980. p.166-187), editada por Anne Buttimer e David Seamon. Traduzido por Letícia Pádua.

2 Professora Emérita de Geografia, University College Dublin (desde 2003).

✉ School of Geography, Planning & Environmental Policy, Newman Building Belfield Dublin 4. Irlanda.



*Estrada de terra, leve-me para casa
Para o lugar
Que pertença*

John Denver

Muito da poesia e música modernas são perpassadas por tributos emocionalmente carregados sobre o significado de lugar. A nostalgia por algum estado real ou imaginário de harmonia e equilíbrio experimentado em ambientes rurais assombra a vítima de um meio urbano instável e fragmentado. Como muitos que procuram a sorte em meio às luzes da Broadway que ansiava por uma cabana simples perto de um riacho ondulante na volta para casa, suponho que alguém possa dizer “Você nunca dá valor ao que tem, até perder”. Músicas patrióticas sobre a terra e as florestas natais que construíram o espírito de nação em países europeus foram frequentemente escritas nas cidades da América do Norte e Austrália. E hoje, à medida que a singularidade dos lugares torna-se mais e mais ameaçada pela superficialidade homogeneizante da comercialização e da arquitetura padronizada, muitas pessoas anseiam pelo seu *hembygd* e *smultronställe*³.

É fascinante reparar quando e como, durante a história recente, esta noção de lugar emergiu como um forte tema na literatura, política e música popular. O registro sincroniza razoavelmente bem com períodos de mudança relativamente abrupta tanto no ambiente social como no físico, ou no plano das ideias. A literatura romântica sobre lugar do final do século dezoito e início do dezenove, por exemplo, corresponde aproximadamente com a reação contra a visão newtoniana de mundo.

³ N. da T.: Literalmente, em sueco, “Herdade e local favorito”. O *hembygd* está relacionado à herança, ou legado advindo, geralmente, de uma propriedade rural grande, como uma fazenda.

Parecia escandaloso impor uma grade “científica” à Natureza – reduzir a beleza, melodia e fragrância à estéril métrica da matemática ou da física.

Quando os sistemas de transporte e a industrialização começaram a romper as antigas harmonias das paisagens camponesas, novamente o protesto foi verbalizado na linguagem de lugar. A urbanização trouxe sua própria onda de rebelião contra as mudanças abruptas: o antigo mosaico de distritos artesãos, mercados abertos e vilas burguesas começou a ser distorcido e desmantelado à medida que o antigo equilíbrio cultural e econômico abriu caminho para o novo dentro da própria cidade. As tarefas domésticas da vida citadina – residencial, cerimonial, governamental e religiosa – cederam para a crescente importância das funções para “construção de impérios”, por exemplo comércio, finanças e indústria. No agitado entusiasmo pelo início da industrialização era muito mais importante expandir os horizontes de acesso aos mercados e ao mercado consumidor do que procurar seriamente fazer da cidade um lar.

As migrações transatlânticas no final do século dezenove e início do vinte marcaram outra poderosa fonte de lamento e entendimento no significado de lugar. Os migrantes europeus frequentemente cantavam louvores de seus lugares natais. Àqueles para os quais a viagem rumo ao oeste era definitiva, o anseio pelo lar resultou em uma virtual enxurrada de sentimentos sobre lugares e suas identidades. Muitos grupos de fato tentaram encarnar suas imagens de “lar” não apenas na vida social e política, mas também em suas escolhas de trabalho, vida e padrões de lazer. Mesmo hoje, bairros “Little Italy”, “Bohemias” e “Blarney Stone Irish” de cidades americanas ainda expõem fachadas tão “autênticas” que o visitante europeu é lembrado do tempo de seus avós.

MUDANDO AS ABORDAGENS DO LUGAR

Qualquer que seja sua fonte de explicação, esta literatura sobre o sentido de lugar revela vários temas consistentemente recorrentes. Parece que a sensação das pessoas tanto com relação à identidade cultural quanto pessoal está intimamente ligada com a identidade de lugar. A perda do lar ou a “perda de seu lugar” frequentemente podem acionar uma crise de identidade. Em seu “A Poética do Espaço”, o filósofo do século vinte Bachelard (1958) assevera que a relação entre lugar e personalidade é tão íntima que para entender a si mesmo a topoanálise – a exploração da auto-identidade por meio do lugar – pode produzir discernimentos mais frutíferos do que a psicanálise. Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação. Como outros membros da biosfera, os homens também demonstram padrões marcados de territorialidade. Quando os valores fundamentais associados com qualquer um destes níveis de experiência são ameaçados, então podem “explodir” protestos sobre o significado de lugar. Não parece ser um ponto crucial considerar se estes valores são **conscientemente** articulados em termos legais ou comportamentais. Na realidade, eles frequentemente não são levados à consciência até que sejam ameaçados: normalmente, são parte do tecido da vida cotidiana e suas presumidas rotinas.

Entretanto, isso não sugere que as ideias sobre lugar não sejam significativas. Na realidade, o *Zeitgeist*⁴ fundamental ou visão de mundo em qualquer ponto da história que pode ser explícita em

⁴ N. da T.: Termo criado por Herder, autor do romantismo alemão, que significa algo como “espírito de época” ou “espírito do tempo”.

ideias científicas ou filosóficas sobre espaço, tempo e natureza está implicitamente presente também nas concepções sobre o lugar. É especialmente neste nível que o século vinte trouxe reações e conhecimento sem precedentes. O “choque pós-newtoniano” tinha acabado: a ciência e a racionalidade haviam triunfado sobre outras alternativas competitivas. Foi tomado como certo que países e lugares deveriam ser planejados dentro de um horizonte socioespacial mais amplo. A depressão mundial e a guerra justificaram convicções administrativas de que não se deveria confiar às pessoas e seus lugares natais a continuidade do modo tradicional. Uma antiga ideia estoica de que a ordem racional deveria ser imposta sobre a natureza e a sociedade tornou-se um sonho aparentemente viável em função dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos.

À medida que a distância entre os lugares encolheu em função dos sistemas de transporte e comunicação, o aumento da mobilidade das pessoas, dos empregos e de exércitos continuou a nivelar a diferença entre lugares; foi naturalmente no contexto urbano que a questão da identidade local tornou-se politicamente articulada. Exemplos prototípicos do “choque cultural” baseado-em-lugar são os guetos étnicos do início do século vinte na América do Norte. Na Europa, vertiam migrantes de origem rural dentro das cidades industriais de Nova Inglaterra, Chicago e na costa oeste, todas ávidas para manter algum senso de identidade cultural e familiar enquanto se juntam à fila do emprego sem qualificação. Estes bolsões de assentamento de imigrantes de primeira geração rapidamente assumiram um caráter “étnico” distinto. Usualmente circunscritos tanto pelos marcos físicos quanto pelas leis de zoneamento e pelo preconceito, eles demonstram uma coesão interna que lembra, de várias maneiras, os distritos da classe-trabalhadora nas cidades europeias. Cientistas sociais tornaram-se fascinados pela ordem social dos assentamentos

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar

Anne Buttimer

precários: notaram o entrelaçamento dos arranjos sociais e espaciais e modos pelos quais as formas externas da paisagem refletem as visões de mundo e padrões de comportamento de seus habitantes. Em confiança, de fato, as Autoridades Municipais de Chicago aceitaram a recomendação para a criação de fronteiras administrativas delimitadas por estes sociólogos da comunidade: limites que ainda persistem apesar da sólida mudança demográfica e cultural. A falta de “encaixe” entre os planos de regionalização administrativa e o caráter social de áreas locais permanece como problema constante no que tange à identidade do lugar.

Antes da segunda guerra mundial a maior parte do que foi escrito sobre lugar havia sido construído nos termos de um mundo newtoniano: o espaço como recipiente para pessoas e atividades, na realidade, domínios circunscritos pela autoridade política e administrativa. A noção de lugar ainda era muito respeitável: crível para aqueles que viviam nele assim como para aqueles que procuravam planejá-lo. O lugar serviu como modelo para o reassentamento das minorias depois da primeira guerra: os limites da linguagem e o nacionalismo entendido como básico e inquestionável (DOMINIAN, 1917). Lugar também era um conceito plausível para dois movimentos chave de planejamento dos anos 1920: o movimento Cidade Jardim na Inglaterra (HOWARD, 1897) e o famoso “Plano regional para Nova York e seus Entornos” nos EUA (HAIG, 1927; 1929).

Foi só depois da segunda guerra mundial que começou a se expressar na ciência aplicada o impacto total de uma emergente visão mundo einsteiniana e suas reverberações nas características dos lugares. O planejamento econômico nacional e multinacional tornou-se um imperativo moral: fronteiras políticas foram desmanchadas e re combinadas de vários modos; buscaram-se vantagens comparativas na produção e entrega; foram desenhados e otimizados programas

espaciais e estruturais para maximizar a eficiência e a interação. Parecia que o céu era o limite nas vantagens das economias de escala e aglomeração. A maioria destes movimentos provocou significativas reações populares. Talvez a mais notável seja o modo pelo qual estereótipos nacionais persistiram, por exemplo, entre os países membros da Comunidade Econômica Europeia, apesar das enormes mudanças em seus padrões reais de interação e troca. Mas foi no mundo urbano especialmente que o antigo refrão da identidade do lugar assumiu as formas mais dramáticas.

Os programas de renovação urbana, particularmente no Reino Unido e Estados Unidos, quase sempre encontraram seus primeiros alvos em áreas de “assentamentos precários” perto dos antigos centros das cidades – vítimas do sucesso do Distrito Central de Negócios como polo dominante dentro da cidade-império que esqueceu suas responsabilidades do serviço doméstico. As retroescavadeiras pouco respeitavam esses limites invisíveis de símbolos sagrados do espaço social. (Claro que alguns resistiram: em Glasgow hoje, vários anos depois da primeira escavadeira ter chegado, pubs e igrejas se mantêm como mesetas sobre uma paisagem arrasada até o limite da insipidez – isolados de sua clientela cujas casas um dia já estiveram em torno deles).

Quando os cientistas sociais se envolveram como consultores tanto para os planos de redensolvimento ou para a sua avaliação, eles usualmente traziam os modelos antigos da identidade de lugar que foi tentado e testado nos anos vinte e trinta. Mitos de “comunidade” e “territorialidade” gozaram de uma longa popularidade. Parecia ideologicamente desejável para muitas autoridades políticas patrocinar tais pesquisas orientada-para-pessoas. A maioria de sua literatura tomou forma de uma autópsia pós-moderna – “luto pela perda do lar” – muito tardia ou talvez muito “segura” para influenciar

a marcha-para-adiante do planejamento para o desenvolvimento urbano e regional.

No entanto, o que emergiu para muitos dos autores e público de tais estudos foi a forte convicção de que há um contraste fundamental entre os modos de experiência do lugar do "*de dentro*"⁵ e os modos convencionais dos "*de fora*" de descrevê-las. O espaço vivido e o tempo vivido foram pobremente e apenas parcialmente representados via modelos disciplinares do espaço e tempo representacionais. Para muitos pesquisadores sérios o caminho está em explorar os mundos vividos das pessoas no lugar.

Filósofos críticos acusaram aqueles que aceitaram tal abordagem existencial de terem sido vítimas da manipulação de interesses ideológicos e gerenciais (ADORNO, 1973). Notou-se que, debaixo do jargão da autenticidade espreitava uma tácita apologia à pobreza, injustiça e alienação. As descrições românticas da vida do bairro podem, de fato, inadvertidamente terem servido para perpetuar mitos como a "cultura da pobreza" ou para trivializar a perspectiva do "*de dentro*" de recusar a articular isso em uma linguagem que poderia revelar a extensão da injustiça estrutural construída na vida política e econômica contemporânea. Aqui talvez se encontre uma pista básica para o impasse: a linguagem usada para descrever as perspectivas dos residentes sobre o lugar é ainda, em geral, a linguagem de um mundo newtoniano – pessoas, atividades, e coisas contidas dentro do lugar – ao passo que a linguagem usada para planejar os horizontes econômico e tecnológico do lugar tem sido profundamente influenciada pelas concepções einsteinianas do espaço, tempo e processo topológicos. Falar de "*de dentro*" e "*de fora*", lugar versus organização espaço-

5 N. da T.: Usamos "*de dentro*" para traduzir "*insider*" e "*de fora*" para traduzir "*outsider*". Os "*de dentro*" são pessoas que estão no lugar, na comunidade, algo como pessoa "íntima", no caso, a pessoa DO lugar. Os "*de fora*", por sua vez, são os estrangeiros, forasteiros ou migrantes.

temporal e outros dualismos deste tipo pode servir razoavelmente bem para descrever o registro histórico. Mas para fazer justiça aos interesses fundamentais da vida que podem ser evocados pela questão da identidade de lugar atual, a pessoa precisa esquadrihar um nível mais profundo de significado para, com sorte, encontrar alguns denominadores comuns para um diálogo entre aqueles que querem viver nos lugares e aqueles que querem planeja-los.

LAR E HORIZONTES DE ALCANCE

Eu sugiro que pensemos sobre lugares no contexto de dois movimentos recíprocos que podem ser observados entre a maior parte das formas vivas: como inspirar e expirar, a maioria das formas de vida precisa de um **lar** e **horizonte de alcance** orientado para fora daquele lar. A reciprocidade vivida de descanso e movimento, território e horizontes de alcance, segurança e aventura, serviço doméstico e pecuária, criação de comunidades e organização social – estas experiências podem ser universais entre os habitantes do Planeta Terra. Quer a pessoa pense no nível das próprias ideias, ou das redes sociais, ou de algum "cotidiano doméstico", pode ser uma maneira pela qual a pessoa meça um estudo de reciprocidade do lar e dos horizontes de alcance em todos eles. Para qualquer indivíduo o lar e o horizonte de alcance do pensamento e imaginação podem ser bastante distintos do lar e dos horizontes de alcance de suas filiações sociais, que podem novamente ser distintos da real localização física ou do lar e dos horizontes de alcance físicos (ROSE, 1977). Estas distinções não são apenas abstrações: se eles forem de fato mapeados dentro do horizonte temporal do espaço-vivido de qualquer indivíduo ou grupo eles poderiam fornecer algumas pistas dentro das quais se constitui a identidade de lugar. Se todos os três são sincronizados ou

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar

Anne Buttner

harmonizados, então a pessoa pode falar de “centramento” e admitir a hipótese de que o sentido de lugar de um indivíduo é uma função do quão bem este lugar é um centro de interesse da vida do indivíduo. Tomado em um sentido mais geral, a questão se torna quantos dos interesses na vida dos locais pode ser centrada em torno disso e quantas delas têm seu “lar” em outro canto?

Este processo de “centramento” não é de modo algum idêntico à noção de **centralização** – concentração nodal racional e planejada de poder e energia social. Ao contrário, centramento sugere um processo contínuo de vida – a inspiração e o trazer para casa que é a recíproca da expiração e a busca pelo horizonte. A diferença essencial entre centralização e centramento pode, de fato, simbolizar a diferença da linguagem da visão dos “*de dentro*” e dos “*de fora*” sobre o lugar. Por exemplo, as palavras usadas para descrever lugares **vistos externamente, pelos “de fora”**, são substantivos – artefatos como setor imobiliário, uso da terra, fluxo de atividade, fronteiras políticas. A partir de uma perspectiva nacional, uma pessoa pode falar de centraliza-los ou descentraliza-los. Ao contrário, o centramento é um processo essencialmente criativo das próprias pessoas. Os significados de lugar para aqueles que vivem nele têm mais a ver com a vida e os afazeres cotidianos do que com o pensamento.

Para discutir lugar, temos que congelar um processo, que é dinâmico, em um momento imaginário, com o objetivo de fazer uma imagem estática. O observador que explora o lugar fala da casa, ao passo que o residente daquele lugar vive o processo de habitar. O observador mede e mapeia atividades sistêmicas e redes sociais e infere algo, dentro de seu horizonte de alcance, sobre o mundo do nativo, ao passo que a experiência do horizonte de alcance do morador pode ser um movimento tão fundamental na existência cotidiana que usualmente não se pensa nele. Um dos primeiros passos a serem realizados na

tentativa de resolver a divisão entre os mundos dos “*de dentro*” e dos “*de fora*”, então, é estender nosso “substantivo” convencional ou “figura” de linguagem de modo a acomodar os “verbos” e “processos” de linguagens da experiência vivida.

A “armadilha do ‘*de fora*’”, para exagerar um pouco, é aquela que a pessoa olha para os lugares como eles são, a partir de um horizonte abstrato. Ele ou ela tenta ler os textos das paisagens e comportamentos manifestos na linguagem figurada dos mapas e modelos e é, deste modo, inevitavelmente atraído para encontrar no lugar o que ele ou ela pretende encontrar nele. A “armadilha do ‘*de dentro*’”, por outro lado, é da pessoa viver nos lugares e estar tão imersa nas particularidades da vida e ações cotidianas que ele ou ela pode não ver nenhum sentido em questionar o que é dado como certo ou em ver o lar em seu contexto espacial ou social mais amplo. Tanto para o “*de dentro*” quanto para o “*de fora*”, talvez o maior desafio seja pedagógico: um chamado à consciência daquelas ideias e práticas comuns e cotidianas dentro do mundo pessoal e então ir além delas no sentido de um diálogo mais razoável e mutualmente respeitoso.

O geógrafo, entre todas as pessoas, deve considerar atraente tal desafio pedagógico. Ao passo que a maioria dos nossos modelos disciplinares impulsionou a postura do observador dos lugares, nós todos, em algum lugar e em algum tempo, somos “*de dentro*”. Não seria um objetivo válido, então, examinar nossas próprias experiências em vários lugares e usar isso como um campo de teste para as nossas generalizações e também nossos esforços para alcançar melhor comunicação ao longo desta cisão? Antes de uma pessoa encarar questões da política de planejamento, me parece que seria vital entender os processos fundamentais da vida que estão em jogo e que são vulneráveis a mudanças na identidade física e política de lugar. A questão da descentralização, por exemplo, pode ser redefinida como

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar

Anne Buttimer

um problema que requer um esforço para revitalizar as energias de áreas locais desde as raízes de grama ao mesmo tempo em que a pessoa estuda a viabilidade de projetos de redistribuição impostos de cima para baixo.

EXPERIÊNCIAS NO LUGAR

No restante deste ensaio ofereço algumas reflexões e questões que emergem de esforços exploratórios para entender o significado do lugar em minha própria experiência assim como na de outros grupos. O objetivo não é criar um modelo a ser testado ou a solução para todos os problemas, mas sim, a história de uma jornada pela ruptura que a maioria de nós confronta (ou ignora) quando falamos de pessoas e lugares. De certo modo, é apenas um tipo de “dever de casa” que qualquer estudioso que acredita na objetividade deveria estar disposto a enfrentar: desenterrar o elemento “subjetivo” e reconhecer suas influências.

Estou certa que, por exemplo, muitas das atitudes que eu trago para a minha geografia e certamente meu cinismo sobre o planejamento burocrático feito de cima para baixo, derivam de minhas experiências de infância na Irlanda (Figura 1). É difícil, para mim, encontrar palavras para descrever o que a experiência de viver na Irlanda ainda significa. É evocada uma experiência completa do meio: lembro-me da sensação da grama nos pés descalços, os cheiros e sons das várias estações, os lugares e tempos em que eu conheci amigos nas caminhadas, a decadência diária e o fluxo da hora da ordenha, refeições, leituras e pensamentos, dormidas e despertares. A maioria destas experiências não é conscientemente processada na minha mente – é por isso que é tão difícil encontrar palavras – porque este lugar viabiliza a mente e o coração, corpo e espírito, imaginação e vontade de ficar harmonizado



Figura 1 – Lenville, Co. Cork, Irlanda.

e criativo. Até agora, a racionalização típica de Mansholt⁶ não interrompeu o tecido de nossa paisagem local ou a previsibilidade das intrusões sônicas e outras ao longo do dia; de algum modo viver ali proporciona à pessoa uma afinação com o ritmo da luz e da escuridão na natureza, calor e frio, semeadura e colheita (Figura 2).

Agora, como geógrafa, eu poderia provavelmente contar quais tipos de solo existem lá, qual deveria ser o sistema de rotação de culturas, o custo tempo-distância para os mercados e assim por diante, mas mesmo quanto eu tiver terminado a rodada das interpretações “geográficas” ainda sentiria que criei apenas uma figura opaca – insuficiente para lhes contar se os limites administrativo/econômico/político do lugar deveriam ser revistos ou quais campos de interesse

⁶ N. da T.: foi o presidente da Comissão Europeia na década de 1960, que criou a Política Comum para a Agricultura no continente a longo prazo, conhecida como o Programa da Agricultura dos anos 1980. Mansholt previu que se aproximava o limite da capacidade de incentivo estatal para a agricultura e que deveria se reduzir a produção agrícola na Europa frente à uma eminente crise de superprodução. Assim, aconselhou o fim das pequenas propriedades, a aposentadoria precoce de agricultores e a limitação técnica das propriedades de acordo com um critério de viabilidade que envolvi a comparação com a renda média urbana da região.



Figura 2 – Lenville, Co.
Cork, Irlanda.

da vida humana deveriam ser deixados de fora de nosso juízo ou arrogados pelas autoridades nacional ou regionais. Talvez aqui eu esteja envolta na armadilha dos "de dentro"? Experiências em vários outros ambientes, no entanto, têm me convencido que as soluções para muitos problemas regionais que têm sido descobertas por meio de tentativas e erros ao longo de gerações, podem ainda ser mais racionais que aquelas concebidas pelos servidores públicos urbanos e forasteiros. A experiência também sugere que qualquer solução que as pessoas não considerem ser "sua ideia" será ressentida, evitada ou considerada ridícula ao longo do tempo. Afinada como eu era com um mundo rural relativamente estável com seus "lugares" presumidos para tudo, a paisagem urbana da América do Norte pareceu a primeira vista, carecer de identidade (Figura 3). O subúrbio especialmente parecia um grande e expandido lugar nenhum, "sem-lugar", de concreto e plástico (Figura 4). Mesmo nos distritos universitários, a pessoa procurava em vão por um café na calçada pelo tipo de café na calçada em que pudesse se demorar por horas: ao invés disso, a pessoa encontrava as lanchonetes que se orgulhavam delas mesmas por terem retorno rápido de rendimentos (Figura 5). Não demorou muito para descobrir o quanto pode ser falso julgar um livro pela capa: muitas dessas inclassificáveis lanchonetes de hambúrgueres eram



Figura 3 – Centro de
Toronto
Fonte: Cortesia do Dr.
Hans Aldskogius,
Uppsala.

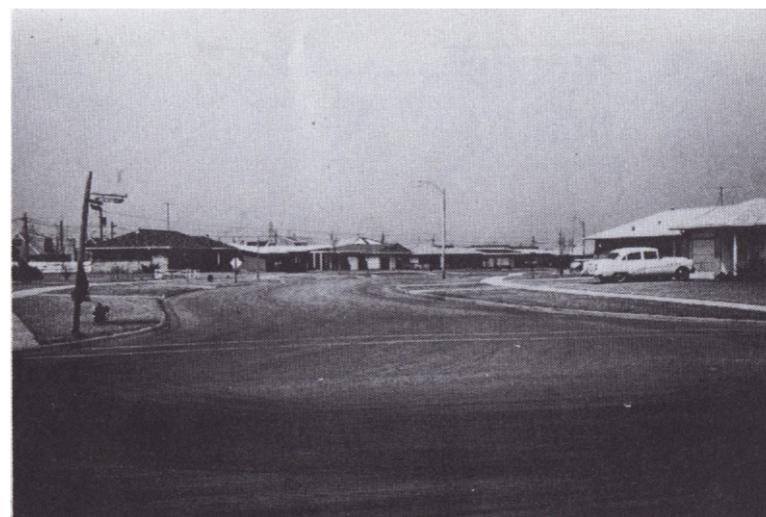


Figura 4 – Subúrbio,
região de Chicago
Fonte: Cortesia do
Dr. Torsten hages-
tränd, Lund.

significativos nódulos no espaço social de um adolescente ou um motorista de caminhão.

Muitas pessoas, para as quais parece que os horizontes de **alcance** é mais importante do que o **cotidiano doméstico**, os lugares podem ser simples pontos de acesso em uma superfície topológica. Eventualmente, a monotonia ou discordância arquitetônica dentro do espaço físico de qualquer um pode ser o resultado de coincidências mais do que design: cada componente é parte de uma ligação espacial e o centro

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar
Anne Buttimer

Figura 5 – Rua principal do Mac Donalds, Worcester (ou qualquer lugar)

Fonte: Cortesia de Rudi Hartmann, Worcester, USA.

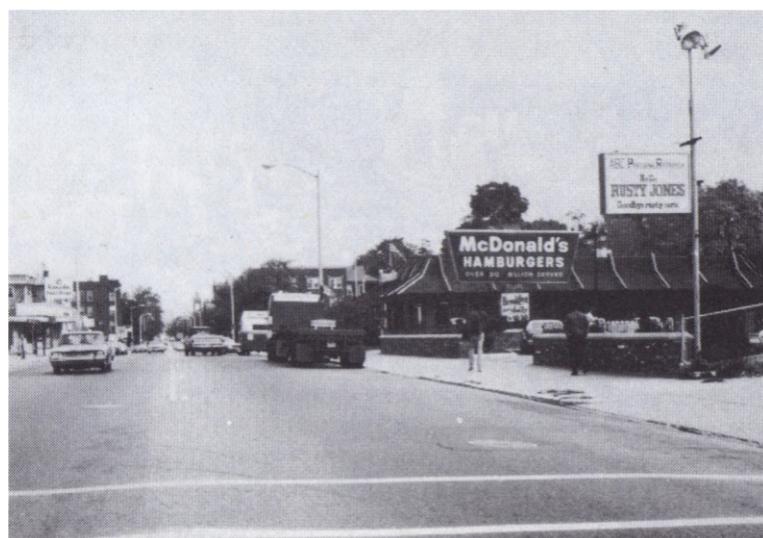


Figura 6 – Cidade Branca (Discothèque), Rota 9, Massachusetts, USA

Fonte: Cortesia de Rudi Hartmann, Worcester, USA.

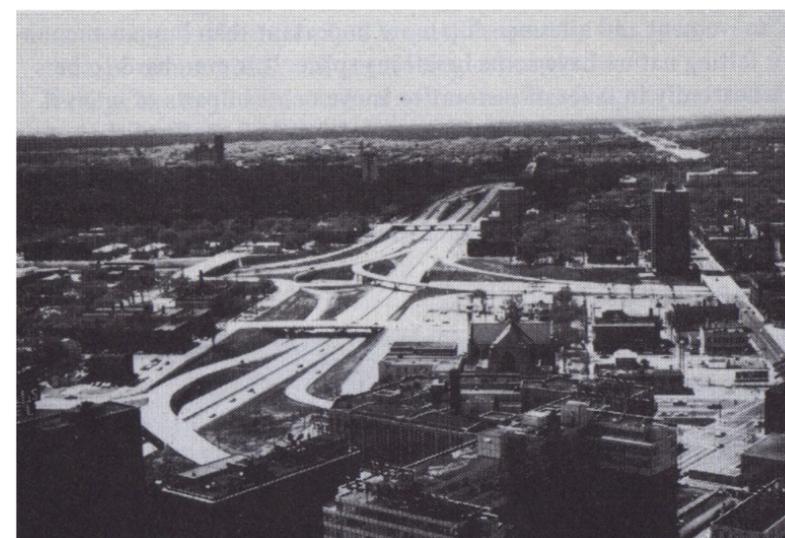


Figura 7 – Rodovia de acesso ao centro de Minneapolis

Fonte: Cortesia do Dr. Hans Aldskogius



Figura 8 – OPEN_PIT Mina, Minnesota

Fonte: Cortesia do Dr. Hans Aldskogius.

de cada um está em uma sede nacional ou multinacional. Como as coisas vão eventualmente se combinar dentro de um meio geográfico particular, portanto, é bastante acidental tanto para aquele que o desenha quanto para aqueles que irão usa-lo (Figura 6). Os arranha-céus, aeroportos, rodovias, e outros componentes estereotipados das paisagens modernas – não são eles símbolos de uma civilização que tem endeusado o horizonte de alcance e escarnecido do lar (Figura 7)? Ou as feridas abertas das paisagens mineradas ou industriais, não são

a recusa da ceifagem de uma civilização intoxicada com a húbri de Prometeu (Figura 8)?

ESTILOS DE VIDA E LUGAR

É difícil para um nativo da Irlanda rural tomar uma atitude de relativismo cultural a respeito das paisagens dos horizontes de alcance sem-lugar (RELPH, 1976; CLAY, 1974).

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar

Anne Buttimer

Isso não é apenas por causa da estética ou de uma sobrecarga sensorial; ao contrário, deriva de uma náusea sobre os valores que fazem máquinas, commodities, movimentos e a habilidade de vender mais importantes que encontros humanos ou do que deixar a natureza ter algum espaço para respirar. É ainda duro ser sinceramente a favor dos movimentos de restauração em partes das cidades se o objetivo é simplesmente reconstituir um museu para o benefício da indústria do turismo ou para salvar as consciências de sociedades que foram pisoteadas na história: é o estilo de vida associado com o lugar que é ainda muito mais importante para mim do que suas formas externas. (Figura 9).

A “lugarização” de objetos e atividades dentro do espaço interior também foi algo surpreendente para alguém socializado dentro de um lar irlandês rural. Por causa da ênfase americana no consumismo, tornou-se não apenas elegante, mas também lucrativo, desenhar espaços interiores de maneira a apelar aos potenciais compradores. A proxêmica e a territorialidade – dentro e fora do lar – tendem a se tornar pontos de pesquisa academicamente interessantes em períodos de claustrofobia coletiva ou comprometimento político para a expansão do *Lebensraum*⁷ – como no final dos anos 1960 dos dois lados do Atlântico. Foi na Alemanha que o campo especial de *Bürolandschaft*⁸ apareceu primeiro – promessa de mobiliário desenhado com base científica, acústica e estética de modo a facilitar a eficiência ótima do trabalho. Na maioria das nossas sociedades urbanas “desenvolvidas”

7 Comumente traduzido como “espaço vital”, ou seja, o espaço necessário para a sobrevivência, manutenção e expansão de uma sociedade, é um conceito difundido na ciência geográfica por Friederich Ratzel,

8 Literalmente, “paisagem-escritório”, refere-se a um tipo de design de escritórios criado na Alemanha nos anos 1950 que enfatizava espaços abertos, com boa iluminação e plantas, melhorando a qualidade do ambiente de trabalho.



Figura 9 – “Velha”
Montreal

o que traz lucro é o apelo a certo limiar de massagem de ego da mídia – seja em termos de lucro comercial seja um consenso ideológico.

Talvez a ideologia aplicada nos limites comerciais de estudos de territorialidade tenha ofuscado os assuntos mais profundos. Norberg-Shulz (1971), em seu lúcido livro sobre arquitetura, destaca o que está envolvido no fazer do espaço arquitetônico um reflexo do espaço existencial. Eu sou, é claro, incrédula de que todos os aspectos significativos da existência possam ser prontamente traduzidos no lugar em termos arquitetônicos, mas isso realmente não parece ser o ponto mais importante. O problema filosófico e pragmático crucial está em qual papel potencial é permitido aos moradores terem qualquer palpite criativo no desenho dos lugares.

Olhando para trás, eu suspeito que minha decisão de aceitar um convite para me juntar a um time de especialistas em uma crítica aos padrões de planejamento no Reino Unido provavelmente provenha de um ressentimento emocional contra os modos pelos quais bem intencionados tecnocratas e planejadores pareciam, na realidade, estarem matando lugares por meio de seus esforços para “renova-los” (Figuras 10 e 11). Foi este ressentimento somado à esperança de poderia

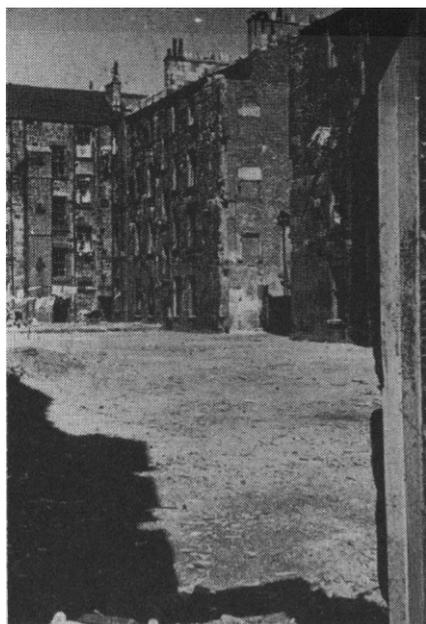


Figura 10 – Antes da “renovação” em Glasgow Gorbals (c. 1965), Escócia



Figura 11 – Depois da “renovação” em Glasgow Gorbals (Hutchesontown, c. 1970).

haver algum espaço para a **razão** no mundo altamente **racional** do planejamento liberal, muito mais que a curiosidade intelectual sobre a geografia aplicada, que me motivou a investigar os mundos da experiência vivida das famílias da classe trabalhadora. Equipada com as linguagens analítica e teórica das ciências sociais por um lado e profundamente consciente do quão traumático uma mudança de lar pode ser, senti que poderia talvez exercer um papel de mediadora entre os “*de dentro*” e os “*de fora*” neste contexto (BUTTIMER, 1972 e 1980).

Os detalhes deste estudo são talvez menos interessantes que o conhecimento que a reflexão posterior produziu a respeito de suas forças e limitações. Havia várias maneiras pelas quais os usos dos modelos atuais me impediram de deixar os moradores articularem suas próprias versões da situação ou de comunicar diretamente para as próprias autoridades planejadoras. De um ponto de vista analítico, também havia várias dimensões faltando: análises de percepções, comportamento, territorialidade e atitudes de forma transversal em um ponto

no tempo não me permitem ter suficientemente em conta a dimensão temporal. Estava claro que aqueles hábitos e preferências que tinham raízes mais profundas nas memórias das pessoas também era aquelas mais prováveis de sobreviver e muitas daquelas não eram realmente planejáveis. Este também era um estudo antropocêntrico: mesmo o ambiente era definido em termos “humanos” (forma arquitetônica, acesso ao horizonte, limites funcionais, etc.) e foi dada atenção insuficiente para o ambiente físico real.

Mas mais significativamente, em retrospecto, o estudo não era uma interpretação objetiva. Apesar dos moradores falarem sobre as “raízes do lar” e “sentido de lugar”, escutei estas palavras por meio dos filtros de minha própria experiência. “Lar” para mim deveria idealmente ter aquelas qualidades de meu próprio lar – tranquilidade, odores, espaciosidade, fluxo rítmico de luz e sombra, inverno e primavera. Essas donas-de-casa de Glasgow teriam provavelmente se sentido desconfortáveis em tal meio. Para elas o barulho e alvoroço da vida das ruas, o apito regular da fábrica e dos trens, uma luta de gangue ocasional e uma partida de futebol – estes provavelmente teriam sido mais importantes do que a presença de vacas e pássaros (Figuras 12 e 13).

Consciente do modo como modelos disciplinares e a sua própria socialização podem influenciar a abordagem do estudo do lugar, tenho tentado ao longo dos últimos anos, desenvolver um método para investigar minha própria experiência de lar e chegar nos dois meios contrastantes onde passo a maior parte do meu

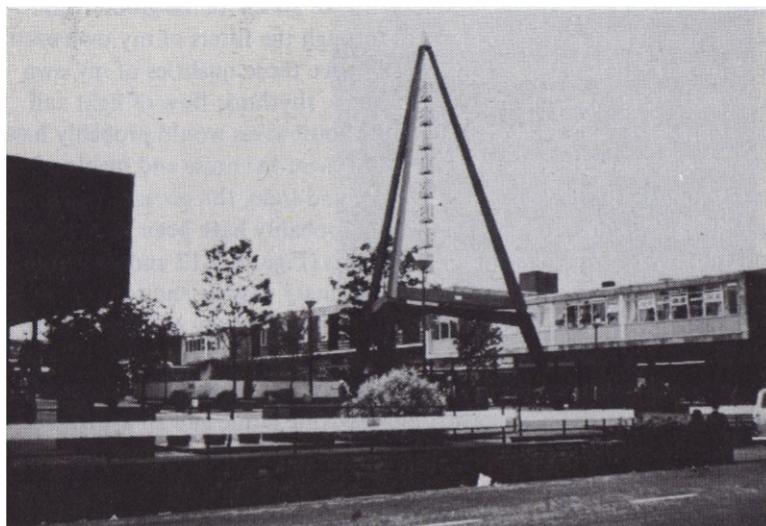


Figura 12 – “Lar” em Drumchapel, Glasgow



Figura 13 – “Lar” em Cork Rural

tempo: a casa em Glenville e um apartamento na rua principal em Worcester, Massachusetts (Figura 14). O intuito era permanecer o mais objetiva possível dentro de minha própria experiência e por meio do compartilhamento de um relato com aqueles que vivem no mesmo prédio para chegar a alguma conclusão sobre o mundo dos “*de dentro*” ali.

Este estudo não foi um sucesso absoluto. Primeiro, de uma perspectiva analítica, era virtualmente impossível juntar dados das



Figura 14 – “Prédio” na rua principal, 1039, Worcester, Massachusetts, USA

várias categorias relevantes do ambiente que fossem, de algum modo, comparáveis ou facilmente relatáveis sobre a experiência humana do meio. Segundo, apesar de um bom número de meus colegas moradores serem idosos e aposentados, eles raramente haviam pensado sobre o lugar. Para eles, os processos de lar e os horizontes de alcance tinham primariamente um sentido social: telefone, taxi e correspondência os mantinham felizes e envolvidos com suas redes não-baseadas-no-lugar. Havia apenas um pequeno conjunto de atividades que poderiam ser afetadas pelo ambiente físico local: esperar o ônibus, fazer compras, igreja, biblioteca. Eles tornaram-se muito melhor adaptados ao lugar-sem-lugaridade e ao individualismo do que eu. Isto é provavelmente prototípico do complexo de apartamentos que fica em uma via pública principal dentro de uma cidade contemporânea.

Ainda assim, quando nós investigamos as raízes de nossas reclamações recorrentes e sentimentos de inquietação, descobrimos alguns denominadores comuns da preocupação entre os “guardiões” do nosso meio imediato. O maior deles era o senhorio⁹, nas mãos do qual está todo o discernimento sobre detalhes como eletricidade, gás, água, encanamento e proteção de vândalos. Na maior parte do tempo ele era inacessível, mesmo por telefone. Outros guardiões de nosso ambiente imediato, como a polícia e os bombeiros, eram igualmente imprevisíveis em termo de acesso tempo-distância. A maior parte do que realmente estava dentro da zona imediata do horizonte de alcance existia em função do interesse remoto em considerar que nossa rua não era mera passagem. Mas mais seriamente, nos foi negada a oportunidade de expressar qualquer responsabilidade para a manutenção no nosso lugar ou para criar ali qualquer sentido de comunidade por meio do compartilhamento mútuo. Nós éramos forçados a adotar uma atitude de sobrevivência como indivíduos e pensávamos apenas em nosso próprio horizonte de alcance social forçando o embotamento de nossas sensibilidades para outras dimensões do horizonte de alcance dentro de nossa própria experiência de ser sensível àquelas dos outros. É difícil pensar sobre a cidade como um todo ou engajar-se na vida pública se o **gênero de vida** cotidiano da pessoa tornar-se tão preocupado com a sobrevivência individual.

Talvez esta seja a mais séria consequência de longo prazo da falência do lugar: não é negada à sociedade como um todo um precioso dado que apenas indivíduos *in situ* podem contribuir, se a pessoa não pode praticar o dar-e-receber em sua rotina cotidiana normal? O relato de Jane Jacobs (1961) para a Rua Hudson sugeria que isso de fato é

⁹ N. da T.: Em inglês, “landlord”, tem sentido que pode ser duplo em português – se aplica ao dono de uma propriedade que está alugada e também à pessoa que faz a manutenção constante e cotidiana dos imóveis de um prédio, como um zelador.

verdade. Um estudo exploratório sobre padrões criminais ao longo da Rua Principal sugere uma correspondência espacial entre a incidência de crimes e a presença dos donos. Isso provavelmente ecoa o trabalho “Espaço Defensável” de Oscar Newman (1973) que argumenta que atividades diuturnas de base local podem ser melhores prevenções do crime do que a vigilância policial.

UMA EDUCAÇÃO NO LUGAR

Considerar o fracasso do lugar e suas consequências para a vida pessoal e comunitária como resultado de decisões fascistas de centralizar tudo, pode criar uma retórica atraente, mas não fornece as explicações mais úteis em longo prazo. Ao invés disso, pode ser pedagogicamente mais provocativo e praticamente mais exequível desenhar exercícios que podem ajudar “*de dentro*” em seus meios cotidianos a tornarem-se mais conscientes das implicações, em longo prazo, de um estilo de vida individualista e fragmentado, para a qualidade de suas próprias vidas e o caráter geral de seus ambientes de moradia e trabalho. Tais esforços de conscientização serão de pouco proveito, no entanto, se não houver uma tentativa simultânea por parte dos interesses gerenciais de se educarem: separar o viés subjetivo e o papel limitado de tomada de decisão por qualquer **razão** é almejar o bem do todo. Um geógrafo, sensível às experiências de lugar dos “*de dentro*” e dos “*de fora*”, e ciente das reciprocidades do lar e dos horizontes de alcance dentro de sua própria experiência de vida, pode certamente oferecer alguma ajuda no tal empreendimento pedagógico (SEAMON, 1979).

Retornando para o meu lugar-lar na Irlanda agora eu sinto mais intensamente o tipo de educação necessária. Há necessidade de uma atitude contínua de autoconsciência que ajudaria as pessoas a acessar o significado de seus horizontes de alcance vastamente expandidos.

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar

Anne Buttimer

As antigas regras sobre “serviço doméstico” podem ser apropriadas em alguns âmbitos, mas eles são desesperadamente inadequados em outros. O que parece tecnologicamente desejável em alguns âmbitos pode ser social e ecologicamente desastrosos em outras áreas. Permitam-me ilustrar.

Muitos dos primeiros líderes do desenvolvimento agrícola irlandês vieram de fazendas como a da minha infância, onde o sucesso na vida demandava um empreendimento independente e trabalho duro. As barreiras a superar na esteira da Segunda Guerra Mundial eram aquelas das condições clássicas da agricultura da Europa Ocidental: por exemplo, a ineficiência da produção, da tecnologia e dos fertilizantes; flutuação nos mercados produtivos; tamanho ou nível inadequado de especialização para permitir economias de escala. Tendo sofrido estas restrições em sua juventude e tendo aprendido os valores do auto-sacrifício e esforço inflexível, estes fazendeiros naturalmente construíram uma utopia em termos de racionalidade econômica. O melhor serviço que eles podiam prestar à sociedade era trabalhar para um plano de desenvolvimento nacional da agricultura que permitiria a todos os fazendeiros serem livres de amarras.

Os últimos vinte e cinco anos viram mudanças dramáticas: leiterias locais foram racionalizadas, mercados e feiras regionalizados, os horizontes de transporte expandidos e o preço das commodities garantido. As crianças não andam mais para a escola. Cada empreendedor individual e sua família tornaram-se mais emancipados das limitações anteriores, no entanto, eles também foram privados das antigas oportunidades de contribuir para um sentido coletivo de lugar. Um saco de bênçãos misturadas – a agora tensão familiar entre a racionalidade e a razão – se espalhou por cada aspecto da vida local. Muitos moradores alegram-se pelo desaparecimento de escravidão e da pobreza, mas outros imaginam porque uma pessoa não vê mais

muitas “características locais” ou ouve algum famoso contador de histórias, a não ser na TV.

Para traduzir a história na linguagem do lar e dos horizontes de alcance, uma pessoa pode dizer que os horizontes de alcance tecnológico e econômico expandiram-se tão rapidamente e tão individualmente que a pessoa não consegue mais encontrar suporte ou centramento nas antigas concepções de lugar-comum do horizonte de alcance compartilhado. Mesmo dentro da vida familiar há, frequentemente, dissonâncias entre a capacidade dos “horizontes de alcance” de alguns membros e uma crescente distância social entre vizinhos. A partir de um ponto de vista ecológico, há também pouca reflexão sobre as consequências, em longo prazo, da crescente dependência da comida de supermercado, fertilizantes artificiais e produção em larga-escala para mercados distantes. Sacos plásticos, recipientes de lata e garrafas vazias estão se tornando monstruosidades no entorno de muitos lares.

Se alguém perguntasse qual o sentido e potencial significado do lugar aqui, ou em lugares similares, a pessoas precisariam redefinir o que é comunidade e lugar. A pessoa tem que pensar os dois em termos dinâmicos, como horizontes de processos básicos de vida mais que como artefatos ou substantivos. A criação da comunidade não pode hoje se basear em sustentáculos antigos como o limitador compartilhamento de recursos e o confronto unido de alguns desafios comuns no período da colheita. Hoje, nosso desafio comum – ainda mais implícito que explícito – é de um tipo diferente: as consequências psicológicas e emocionais de **gêneros de vida** fragmentados justapostos no espaço físico, mas estranhos no espaço social. A catálise para a criação de comunidades na Irlanda rural ainda sobrevive: times de futebol, jornais locais, ocasiões comuns de oração e recreação. O pub onipresente ainda fornece as bases para o contato entre pessoas e nutre o senso de identidade local.

A rastejante paralisia que vive o rural irlandês é compartilhada com muitas regiões similares na Europa Ocidental – do ponto de vista do **lugar** – é a penetração geral da política eurocrática na agricultura que estimula não apenas escândalos ecológicos e sociais na especulação de terras, mas também preenche o rural como uma classe motorizada de interesses desenvolvimentista, buscando alistar cada família individual em redes de controle-remoto de consumismo. Pelo sotaque, humor e música, ainda é possível diferenciar corkonianos dos homens de Kerry¹⁰. Em termos “geográficos” amplos, no entanto, há pouca diferença.

A identidade e saúde pessoais requerem um processo contínuo de centramento – a reciprocidade entre habitar e alcançar – que podem encontrar suas expressões simbólicas externas no sentido de lugar ou na identidade regional. Esforços de descentralização vindos de cima precisam se dar conta dessa característica principal das experiências vividas, tanto para indivíduos quanto para a sociedade. Se existe uma necessidade de consultores, seria nos esforços de planejamento para tomar conhecimento de suas pressuposições sobre as relações entre pessoas e lugares. Ultimamente, os projetos de centralização podem apenas tocar nas externalidades da vida local; a eficácia, em longo prazo, destes planos depende do re-despertar de energias criativas nas comunidades locais.

Um estilo de vida viável para as áreas locais não pode prender-se em velhos conceitos newtonianos de comunidade e região, ou adotar uma atitude de gueto competindo contra a organização espacial nacional e

¹⁰N. da T.: Cork e Kerry são condados vizinhos no sudoeste da Irlanda. Os corkonianos – pessoas nascidas em Cork – e a população de Kerry são conhecidos por seu sotaque específico em função da resistência local pela língua irlandesa, em contraposição ao domínio do inglês. No entanto, em função de diferenças históricas de ocupação e envolvimento com a guerra civil e com o IRA – Exército Republicano Irlandês – guardam pequenas diferenças culturais e de vocabulário.

social. Um estilo de vida comunitário orientado para a autoeducação a respeito dos horizontes de alcance das pessoas, em constante transformação, atividades sistêmicas e tecnologia, seria uma catálise poderosa para desenvolver hábitos cívicos de compartilhamento e descoberta do quanto a saúde e a felicidade de indivíduos e comunidades pode ser aumentada apenas permitindo que as pessoas contribuam com o todo. 

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **The Jargon of Authenticity**. (Trad. de Knut Tarnowski e Frederic Will.) Londres: Routledge & Kegan Paul, 1973.

BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. Boston: Beacon Press, 1964.

BUTTIMER, Anne. Social Space and the Planning of Residential Areas. **Environment and Behavior**, n. 4, p. 279-318, 1972.

_____. Home, Reach, and the Sense of Place. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David. (Eds.) **The Human Experience of Space and Place**. Nova York: St. Martin's Press, 1980. Cap. 8. p.166-187.

CLAY, G. Remembered Landscapes. In: SHEPARD, Paul; MCKINLEY, Daniel (Orgs). **The Subversive Science**. Nova York: Houghton-Mifflin, 1969, p. 133-139.

_____. **How to Read the American City Close Up**. Nova York: Doubleday, 1974.

DOMINIAN, Leon. **The Frontiers of Language and Nationality in Europe**. Nova York: American Geographical Society, 1917.

EBENEZER, Howard. **Garden Cities for Tomorrow**. Londres: Faber, 1951

HAIG, R. M. **Major Economic Factor in Metropolitan Growth and Arrangement**. 2 vols. Nova York: Regional Plan of New York and its Environs, 1927; 1929.

Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar
Anne Buttimer

JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. Nova York: Random House, 1961.

NEWMAN, O. **Defensible Space: Crime Prevention Through Urban Design**. Nova York: Collier, 1973.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, Space and Architecture**. Nova York: Praeger, 1971.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. Londres: Pion, 1976.

ROSE, Courtice. **The Notion so Reach and its Relevance to Social Geography**. Tese de Doutorado, Universidade de Clarck. Worcester, Massachussets, 1977.

SCHUTZ, Alfred. **Collected Papers**. 2 vols. The Hague: Nijhoff, 1962.

_____. **Structures of the Lifeworld**. (Trad. de T. Luckman.) Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1973.

SEAMON, D. **A Geography of the Lifeworld**. New York: St Martin's Press, 1979.

Submetido em Dezembro de 2014.
Aprovado em Janeiro de 2015.

